

■ MAIS DE 30 ANOS DE CARREIRA

Duo Ouro Negro: como Raul e Milo cantaram o mundo a partir de Angola

Raul Indipwo e Milo MacMahon saíram de Angola há 60 anos, cheios de música, e foram muito mais do que hits e moda. Agora, houve um concerto-tributo para que, talvez, lhes fosse feita justiça



Catarina Homem Marques*

Em linha recta, há quase seis mil quilómetros a separar Luanda de Lisboa. Mas para calcular a viagem feita pelo Duo Ouro Negro seria preciso arranjar um contador próprio, que incluíse o palmilhar de terreno dentro de Angola, de Malanje a Maquela do Zombo, passando pelas Lundas, e seguindo depois África fora, até alcançar a Europa, atravessando para o continente americano, com paragens no Brasil, Argentina e até Woodstock, com tempo ainda para visitar pontos mais distantes do planeta, como o Japão ou a Austrália.

De tudo isso, Raul Indipwo e Milo MacMahon fizeram música, numa carreira de mais de 30 anos que foi das mais internacionais da Língua Portuguesa, a partir do momento em que surgiu o Duo Ouro Negro, a dupla que gravou os primeiros discos em 1959, há 60 anos. É uma carreira que foi *world music* antes de se falar de *world music* e que está ainda a aguardar pela devida justiça poética. Ou, pelo menos, à espera de ser vista além dos êxitos ocasionais, da popularidade da época, além da ausência dos discos nas lojas.

O Casino Estoril, em Lisboa, recebeu, sábado, 20 de Abril, um concerto de tributo e celebração que se tornará itinerante, com músicas do Duo Ouro Negro a serem interpretadas por vários músicos, entre eles Bonga, Paulo Flores, José Cid, Dany Silva ou o grupo gospel Shout.

É uma nova oportunidade não só para recordar aquelas canções que de qualquer forma não se esquecem, como “Muxima”, “Maria Rita” ou “Vou Levar-te Comigo”, como para ir mais longe, quase tão longe como o pioneirismo, a experimentação etnográfica e a miscigenação cultural da música de Raul Indipwo e Milo MacMahon, e reconhecer a verdadeira dimensão deste legado em tons de brilho dourado e sombra.

“Blackground” e “Vou Levar-te Comigo”

Os rios servem para muitas metáforas, mas nem todas serão tão justas como a do rio que nasce no início de “Blackground”, música referência do disco homónimo, e que percorre o mundo, em afluentes de afluentes que tanto podem ser o Amazonas como o Rio de la Plata, o Kwanza ou o Limpopo, que navegam ao ritmo da tchianda, do semba, da marrabenta e até do jazz, em batidas de n’djimba ou kissanji. É como se diz no início da música, frase-chave para entender o Duo Ouro Negro:

“*Nunca esqueças o teu background, nunca esqueças o teu blackground*”

Raul Indipwo (Raúl José Aires Corte Peres Cruz) nasceu no Cunene, Angola, em 1933. É filho de mãe branca e pai negro, que trabalhava nos serviços de saúde do Exército, o que o levou a conhecer o país todo, desde as ruas de Luanda às tradições rurais. Milo MacMahon nasceu no Lubango, em 1940,

Subiram pela primeira vez juntos ao palco do Cinema Restauração, em Luanda, em 1957, e nunca mais deixaram de combinar o seu conhecimento da tradição musical do país onde nasceram, o amor pela etnografia, a história, tudo conjugado em músicas como “Kurikutela” ou “Talo on N’Bundo”

filho de pai luso-angolano, que lhe passou o apelido que a bisavó escrava tinha adoptado do seu senhor. Conheciam-se desde sempre, do liceu em Benguela, e acabaram por se reencontrar para fazer música.

Subiram pela primeira vez juntos ao palco do Cinema Restauração, em Luanda, em 1957, e nunca mais deixaram de combinar o seu conhecimento da tradição musical do país onde nasceram, o amor pela etnografia, a história, tudo conjugado em músicas como “Kurikutela” ou “Talo on N’Bundo” (que chegou a ser analisada pela censura), nem mesmo quando seguiram para o que na altura era a “Metrópole”, Lisboa, onde, nos anos 1960, construíram uma popularidade que se começou a espalhar pela Europa. Ou até mesmo



Estudaram juntos no Liceu de Benguela e mais tarde reencontraram-se para fazer música

quando, durante um período, chegaram a ser um trio, com o contributo de José Alves Monteiro, ao estilo do famoso treinador do “você três, façam um quadrado”.

Não por acaso, no Verão de 1965, o kwela foi o nosso twist, o ritmo que toda a gente queria dançar, traduzido pelo Duo Ouro Negro a partir de batidas sul-africanas e tocado em palcos de Portugal, mas também da Suíça, França, Finlândia, Dinamarca. E também não por acaso, só nos anos 1960

participaram duas vezes no Festival da Canção, e por duas vezes conseguiram o segundo lugar, e criaram até uma opereta, exibida na RTP, “Rua d’Iliza”. Afinal, Ouro Negro, no Sul de Angola, era isso mesmo – qualquer riqueza excepcional nascida naquele solo, fosse café, petróleo ou dois músicos feitos rio, o tal da metáfora.

É verdade que a combinação veio a desaguar naquelas músicas que agora toda a gente conhece, mais tardias, o famoso e afunilado para

cultura kitsch “Vou Levar-te Comigo” ou o muito cantável “Maria Rita”, mas há muito mais do que isso. E ainda que pouco reste nas discotecas, e muito esteja por reeditar (Blackground, a obra mais aclamada pela crítica, teve uma edição especial de colecionador em 2018, feita pela Armoniz), o Duo Ouro Negro foi um dos fenómenos mais internacionais da música cantada em português (e muitos outros dialectos, como não podia deixar de ser).

■ TODOS OS PALCOS DO MUNDO

“Toda a gente leva pressa para chegar à sua terra”

Assim dizia o Duo Ouro Negro em “Kurikutela”, que é na verdade um comboio, como se percebe pelo som dos instrumentos. E se agora a sua música voltou a seguir viagem para o palco do Casino Estoril, que foi um dos primeiros onde se apresentou em Portugal (depois do Cinema Roma, que os trouxe de Angola pela primeira vez), antes de o grupo terminar, em meados dos anos 1980, com a morte de Milo MacMahon, andou mesmo pelo mundo todo.

Em 1966 e 1967, o Duo Ouro Negro apresentou-se em Paris, na histórica sala do Olympia, para vários concertos esgotados. E esse foi apenas um dos palcos europeus a recebê-los. Ainda em 1966, o Duo Ouro Negro foi convidado a actuar na celebração oficial do IV Centenário do Principado do Mónaco. E ainda nos anos 60, Raul e Milo apresentaram-se várias vezes no Brasil, novamente numa sala histórica, o Canecão, que encheu para dançar ao ritmo do kwela.

Este alcance internacional, sendo já assinalável, resulta de algumas proximidades tradicionais entre a música que tinha sucesso em Portugal (no caso de Paris) ou que tinha sucesso em português (no caso do Brasil), mas o Duo Ouro Negro foi muito além disso.

Depois de uma passagem em visita pelos EUA, já mais perto dos anos 1970, o grupo aproximou-se da música que estava a ser feita entre os afro-americanos do Civil Rights Movement, o que veio a influenciar alguma da sua produção musical. Por lá lançaram até um dos seus discos com o nome adaptado de The Music of Africa Today. Raul e Milo estiveram mesmo entre o público-multidão do famoso festival de Woodstock. Depois disso, actuaram no Waldorf Astoria, em Nova



Nos anos 1960 a dupla passou pelos melhores palcos do mundo entre eles na sala do Olympia em Paris, França

lorque, e seguiram caminho no continente para uma apresentação no Teatro Maipu, em Buenos Aires.

Mas a sua música nascida em Angola foi ainda mais longe e em 1970 estava presente na Exposição Universal de Osaca, Japão. E, sendo muito mais perto, o Duo Ouro Negro subiu em 1971 a um palco que espantará muitos dos jovens de hoje – o do Festival Vilar de Mouros. Eram outros tempos, claro, mas eram também tempos em que uma internacionalização com esta dimensão estava apenas ao alcance de outra

cantora de Língua Portuguesa – Amália Rodrigues.

“Será a história da música africana, desde que saiu de África até que voltou”

Quem o disse foi Raul Indipwo, em 1970, a referir-se ainda ao disco *Blackground*, ou pelo menos à ambição com que o Duo Ouro Negro olhava para o seu próprio trabalho.

“Apesar de todas as mudanças, nós somos os mesmos, com o mesmo objectivo: cantar o nosso povo, a nossa terra”, disse mais tarde, já em

1982, Milo MacMahon, numa entrevista ao jornal “O Tempo”.

Era essa a sua missão muito pessoal, desde os tempos em que viajavam por Angola de ouvidos bem abertos, ou quando mergulharam em arquivos sonoros como o da Diamang: alcançar uma “expansão cultural angolana”. Mas o Duo Ouro Negro não tinha como fugir ao seu tempo e acabou por ficar “preso” às indefinições do Portugal colonial, que os reclamou como símbolo nacional, mesmo que eles próprios nunca tenham perdido de vista a sua noção de legado cultural angolano e africano.

A partir de pequenos sinais, é legítimo levantar a questão sobre se esta disputa de identidade tem dificultado a correcta avaliação da sua obra e mesmo a atribuição do devido valor ao trabalho musical deixado pelo Duo Ouro Negro. Há, por exemplo, quem alegue que o nome da banda foi fixado por uma locutora do Rádio Clube Português, mas há também quem diga (nomeadamente, num artigo do *Jornal de Angola*) que quem o fez foi uma locutora da Rádio Uíje.

Assim, há igualmente quem em Portugal os mantenha fechados na gaveta do saudosismo colonial, não vendo a sua obra além disso, enquanto em Angola há quem os afaste como pouco genuínos. Num estudo académico de 2008, feito por Marissa J. Moorman para a Universidade de Ohio, intitulado *Intonations – A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times*, o Duo Ouro Negro, com toda a dimensão que atingiu, tem direito apenas a uma pequena nota e uma nota que refere que Albina Assis lembra que “aqueles envolvidos nos movimentos nacionalistas os menosprezam por tocarem a música dos Ngola Ritmos sem lhes darem os devidos créditos”.

Cada um deles, Raul e Milo, sabendo sempre que “venho de longe, de longe eu sou / tem outro nome quem me comprou”, falariam aqui da vontade de voltar à “terra amada”, que é o foco da música “Amanhã”, também ela uma mistura de muitas coisas, vindas de vários sítios. Sem pensar em disputas, misturaram o que trouxeram de Angola com o que foram apanhando pelo mundo e fizeram música que é africana, que é da América do Sul e do Norte, que é sobretudo do Duo Ouro Negro e que devia estar em mais sítios, ser de mais gente, ouvir-se mais por aí.

“In” *Observador*

Vários músicos juntaram-se no último fim-de-semana, no Casino Estoril, nos arredores de Lisboa, para celebrar a música e o legado de Duo Ouro Negro, constituído em 1956 em Angola, e que foi “pioneiro no multiculturalismo”.

Em declarações à agência Lusa, Ricardo Santos afirmou que o espectáculo teve carácter itinerante; uma homenagem ao Duo Ouro Negro, “que foi um projecto magnífico, que teve uma duração de cerca de 30 anos e que nunca foi reconhecido”.

Ricardo Santos afirmou que se vão “reavivar memórias” e fazer “uma homenagem que nunca se fez nem em Portugal, nem em Angola, a um dos mais internacionais grupos”.

O Duo Ouro Negro chegou a Portugal em 1959 e, “ao longo de três décadas, desenvolveu uma carreira internacional na indústria da música”, como assinala a Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX, coordenada por Salwa Castelo-Branco.

O duo abordou vários estilos musicais, “resultado do cosmopolitismo dos seus elementos” e da sua capacidade em expressar diferentes culturas nacionais de Angola, apresentando nas suas actuações vários traços étnicos, segundo a Enciclopédia.

Além de português e das diferentes línguas angolanas, o grupo gravou em francês, temas como “Sylvie” ou “Le Palmier”, entre outros, e abordou também repertórios latino-americanos,



A música e o legado da dupla Ouro Negro

de expressão hispânica, o brasileiro e até norte-americano, onde nas suas diferentes digressões tiveram contacto com a luta pelos Direitos Civis da população negra.

O duo protagonizou “uma das carreiras da música popular em Portugal de maior visibilidade interna-

cional”, lê-se na Enciclopédia da Música Portuguesa. O Duo Ouro Negro “foi efectivamente o grande embaixador da música angolana e africana no mundo”, disse por seu turno, Ricardo Santos à Lusa.

Fruto das suas viagens por Angola, o grupo foi introduzindo diferentes

expressões culturais nas suas músicas, assim como instrumentos autóctones, nomeadamente, o ‘kissanje’, a ‘dikanza’, o ‘exhatakata’, entre outros.

“O seu papel foi decisivo para o desenvolvimento da linguagem musical diversificada”, atesta a enciclopédia coordenada por Salwa Castelo-Branco,

referindo que “a fase de recriação de géneros em línguas angolanas, depois em português, no contexto da época, que favorecia a mestiçagem cultural”.

O grupo assinalou vários sucessos, um dos últimos foi “Vou levar-te comigo” (1979), numa altura em que se acreditou na paz em Angola, e protagonizou êxitos como “Muxima”, “Eliza”, “Maria Rita”, “Amanhã” ou “Kurikutela”, entre outros.

O Duo Ouro Negro desenvolveu uma carreira internacional, na época só comparável à de Amália Rodrigues, com várias digressões pela Europa, Japão, América Latina, Estados Unidos, Canadá e Austrália.

O grupo gravou mais de cem fonogramas. Em 1967, ganhou a Medalha de Ouro do II Festival da Música Popular do Rio de Janeiro e, em 1972, depois de se terem apresentado no Festival de Vilar de Mouros, com “Blackground”, ganharam o Prémio da Imprensa e a Galette d’Argent, no Festival de Kuokke Le Zut, na Bélgica.

O Duo Ouro Negro – Raul Indipwo (1939-2006) e Milo Mac (1941-1986) — gravou álbuns em França, Estados Unidos e Argentina, e actuou em locais, à época, remotos, para a música lusófona, como o Afeganistão, Finlândia, Alemanha, Canadá ou Tailândia.

Em 1996, o Governo do Canadá condecorou, na mesma cerimónia, o músico Raul Indipwo e a fadista Amália Rodrigues.